

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

FAMIGERADO : O QUE PODE UMA LÍNGUA

INFAMOUS : WHAT A LANGUAGE CAN DO

Sandra Mara Moraes Lima (PUC-SP)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 07/03/2012 • APROVADO EM 12/07/2012

Resumo

O trabalho apresenta uma análise do conto *Famigerado* de Guimarães Rosa, tendo como fundamento teórico as considerações elaboradas por Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quando aborda o objetivismo abstrato, asseverando que, ao analisar a língua apenas em seus aspectos formais, desvinculada das condições de produção, não se chega à essência da linguagem, a interação discursiva. No conto de Rosa, amparados nos argumentos de Bakhtin, ilustramos o caráter histórico-ideológico e as estratégias de estabelecimento de poder que estão vinculadas à língua, constituindo as relações sociais marcadas por valores hierárquicos.

Abstract

This work presents an analysis of the short story *Famigerado* from Guimarães Rosa, having as a theoretical base the considerations elaborated by Bakhtin in *Marxism and the language philosophy*, when he approaches the abstract objectiveness with the affirmative that, when analyzing the language only upon its formal aspects detached from the conditions of production, it does not reach to the essence of the language, the discursive interaction. When we look at the short story written by Rosa sheltered by the arguments from Bakhtin, we illustrate the historic-ideological character and the strategies of power establishment that are attached to the language, making the social relations to be marked by hierarchic values.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Poder. Interação discursiva.

KEYWORDS: Discursive interaction. Power. Language.

PESSOAS: Guimarães Rosa. Bakhtin.

OBRAS: *Famigerado*. Marxismo e filosofia da linguagem.

Texto integral

Introdução

A partir das considerações bakhtinianas no que diz respeito às reflexões feitas em torno do que vem a ser o objeto de estudo da linguística em *Marxismo e filosofia da linguagem* e da leitura e análise do conto *Famigerado* de Guimarães Rosa, intentamos demonstrar o aspecto ideológico inerente à língua bem como as suas estratégias de poder que são utilizadas para o estabelecimento hierárquico das relações sociais. Demonstramos como a tradição dos métodos de estudos linguísticos de caráter filológico contribuiu para uma abordagem da língua em termos abstratos, constituindo uma estratégia de poder no uso/ensino/domínio da língua que pode ser lida no conto de Rosa.

A língua como objeto abstrato e de poder

Segundo Bakhtin/Volochinov¹, considerar o signo verbal apenas em seu aspecto material concreto desprovido de sua essência semiótica e ideológica, tomá-lo em bases estruturalistas, concebendo um estudo de seus fragmentos tais como fonemas, radicais, aspectos acústicos, processos fisiológicos de produção, etc., não permite chegar à essência da linguagem, pois, segundo ele, os elementos da física, da fisiologia e da psicologia devem estar associados a um elemento maior, às relações sociais organizadas, uma vez que estas é que, englobando as demais dimensões, podem fazer chegar à essência da linguagem em que se encontra o sujeito.

Para a teoria bakhtiniana, o que importará no estudo da linguagem não é o aspecto formal da língua, mas seu caráter interacional-enunciativo-discursivo, ou seja, a língua, para Bakhtin, está sempre a serviço de um

locutor numa determinada condição de enunciação em que a palavra, o signo, está de acordo com a situação social estabelecida concretamente.

O estudo da linguagem, nessa perspectiva, considera sempre a produção de sentido num dado contexto em que sujeito e linguagem estão irrevogavelmente atrelados. Para Bakhtin, “[...] o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas. [...] Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.” (1988, p. 92). Afirma ainda que o mesmo processo se dá em relação ao receptor, pois “[...] o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular.” (BAKHTIN, 1988, p. 93). Assim, reiteramos que, nessa ótica, o objeto de pesquisa da Linguística não será as formas da língua, a sua “sinalidade”, mas seu caráter semiótico/ideológico/axiológico, em que os sentidos são construídos na interação verbal. E desse ponto de vista não há como considerar a linguagem fora do sujeito e vice-versa.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin afirma que a tradição da linguística se fez considerando aspectos formais da língua, fruto de uma concepção filológica de toda a linguística europeia e que se voltarmos os olhos para traçar a historiografia dos métodos linguísticos, os filólogos estavam na base. “Os Alexandrinos eram filólogos, assim como os romanos e os gregos (Aristóteles é um exemplo típico).” (BAKHTIN, 1988, p. 97). Essa linha de estudo da língua, segundo Bakhtin, estabeleceu o tom de toda linguística contemporânea em que a língua é tomada desvinculada de sua esfera real, é apreendida fora dos processos de enunciação e o estudo, nesse sentido, se faz com categorias que não consideram a língua viva e nativa, mas considera-a como língua estrangeira, como uma estrutura morta, o seu esqueleto, seu sistema normativo isolado.

A compreensão inevitavelmente passiva do filólogo linguista projeta-se sobre a própria inscrição, sobre o objeto do estudo linguístico, como se essa inscrição tivesse sido concebida, desde a origem, para ser apreendida dessa maneira, como se ela tivesse sido escrita para os filólogos. [...] A compreensão passiva caracteriza-se justamente por uma nítida percepção do componente normativo do signo linguístico, isto é, pela percepção do signo como objeto-sinal: correlativamente, o reconhecimento predomina sobre a compreensão. (BAKHTIN, 1988, p. 98-99)

Na perspectiva de análise da língua, considera-se o signo em seu aspecto formal, seu componente normativo enquanto um objeto-sinal,

desconsiderando as condições de produção, ignorando que todo enunciado é sempre uma resposta construída a partir das relações sociais. Segundo Bakhtin, essa postura não leva a uma verdadeira compreensão da língua, mas toma-a para um estudo em que é considerada como um cadáver, pressupondo a compreensão como ato passivo e excluindo as demais dimensões da língua.

Assim é a língua morta-escrita-estrangeira que serve de base à concepção da língua que emana da reflexão linguística. A enunciação isolada-fechada-monológica, desvinculada de seu contexto linguístico e real, à qual se opõe, não uma resposta potencial ativa, mas a compreensão passiva do filólogo: este é o “dado” último e o ponto de partida da reflexão linguística. (p. 99).

Dessa maneira, a linguística, originada no processo de aquisição de uma língua estrangeira com propósito científico, marcou uma tradição de ensino de língua decifrada, codificada e adaptada para a transmissão escolar, produzindo uma concepção de língua fragmentada: “A fonética, a gramática, o léxico, essas três divisões do sistema da língua, os três centros organizadores das categorias linguísticas formaram-se em função das duas tarefas atribuídas à linguística: uma *heurística* e a outra *pedagógica*.” (p.99).

Um dado importante nessa história é que, segundo Bakhtin, essa tradição de estudos da língua associa à figura do filólogo uma imagem de sacerdote, um mestre que tem por missão esclarecer o que decifrou ou herdou. Assim, os sacerdotes foram os primeiros filólogos. Pode-se contatar claramente nessa atuação uma estratégia de poder estabelecido pelo domínio da língua enquanto uma língua estrangeira, uma vez que ela é tomada em um contexto distinto do uso da língua nativa, criando uma nomenclatura própria de modo a atender fins específicos, processo próprio para iniciados. Em outras palavras, o sacerdote tinha como tarefa revelar “verdades” a partir de decifrações/interpretações de uma dada língua que não era a língua diária dos falantes, mas uma língua estrangeira. Como exemplo, o latim para as escrituras sagradas cristãs. Isso conferia a prerrogativa de instituir sentidos, criar normas, ditar valores.

A história não conhece nenhum povo cujas estruturas sagradas ou tradições não tenham sido numa certa medida redigidas numa língua estrangeira e incompreensível para o profano. Decifrar o mistério das escrituras sagradas foi justamente a tarefa dos sacerdotes-linguistas. (BAKHTIN, 1988, p. 100).

O modo como os falantes enfrentam a língua nativa e a língua usada nos meios sagrados é bastante diverso. A língua nativa do dia-a-dia é percebida como “[...] um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira.” (BAKHTIN, p. 100). Quando a palavra nativa é tomada por uma autoridade, alguém hierarquicamente superior, ela se torna, quase sempre, de outra natureza, sai do cotidiano, torna-se um pouco estrangeira. E quando a palavra já for estrangeira, advinda de algum chefe conquistador, tal qual nos processos de colonização, ela é tomada como um sinal, um criptograma.

Tendo em vista esse fato de a linguística e a filologia estarem voltadas para esse aspecto da língua, não se pode afirmar que ele não é fortuito e revela todo um processo histórico-ideológico em que a palavra estrangeira desempenhou o papel de domínio e subjugação através da imposição sócio-política.

Esse grandioso papel organizador da palavra estrangeira – palavra que transporta consigo forças e estruturas estrangeiras e que algumas vezes é encontrada por um jovem povo conquistador no território invadido de uma cultura antiga e poderosa (cultura que, então, escraviza, por assim dizer, do seu túmulo, a consciência ideológica do povo invasor - fez com que, na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a idéia de *poder*, de *força*, de *santidade*, de *verdade*, e *obrigou* a reflexão linguística a voltar-se de maneira privilegiada para seu estudo. (BAKHTIN, 1988, p. 101- grifos do autor).

A respeito desse caráter ideológico/axiológico da linguagem e toda a estratégia de poder que se coloca a partir desse conhecimento interessado que a linguagem nos possibilita, podemos ilustrar com o conto de Rosa (1988), *Famigerado*. Guimarães Rosa, grande bruxo linguista, adentrou, como poucos, na essência dessa condição humana inexorável de realizar o mundo na linguagem, único lugar possível de ser, como explicita tão bem Brait:

Vale a pena lembrar que João Guimarães Rosa, em grande parte de seus textos, expõe [...] tensões, sempre vitais, carregadas das especificidades de uma dada situação, de um dado contexto histórico, cultural, apontando para uma das particularidades da condição humana: entre a vida e a linguagem não há álbi possível. (2010, p. 46).

O conto de Rosa – O que pode uma língua

O conto narra o fato de um certo jagunço, Damázio dos Serqueiras, famoso por sua periculosidade, por ter em sua responsabilidade dezenas de mortes. Damázio procura o médico da cidade para se informar a respeito do sentido da palavra “famigerado”, atribuída a ele por um funcionário do governo. O médico se vê diante de uma situação inusitada e constrangida: “Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça?”. (ROSA, 1988, p. 13)² E assim, constrangido e atemorizado, vê que se aportam a sua frente quatro cavaleiros, onde se percebia a liderança de Damázio. Em se tratando de jagunços, o médico usa a linguagem estrategicamente de modo a não despertar a ira do cavaleiro. Observa toda a cena que se apresenta a frente de sua casa e constata que se encontrava desarmado de armas de fogo e totalmente vulnerável à ação daqueles homens. Convidou-os a entrar, mas Damázio não se mostrava à vontade, continuava em seu cavalo, demonstrando atitude de guerra. O médico logo soube que não se tratava de uma consulta para os casos de doença física, mas antes uma consulta de conhecimentos. Queria saber, entre-dentes, o jagunço, que significado tinha a palavra que não sabia direito a pronúncia: “fasmigerado... faz-megerado... falmisgeraldo... famílias-gerado?” (p.15). Assegura o jagunço que de onde vinha não havia ninguém capaz de informar-lhe a respeito do significado: “É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias. Só se o padre, no São Æo, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engabelam...” (p. 15 e16). Dessa maneira pede que o médico lhe informe com toda crueza concreta da palavra: “[...] vosmecê me fale, no pau da peroba, [...]” (p.16). O médico pronunciou a palavra corretamente de modo a certificar-se da dúvida e o jagunço confirmou, deixando transparecer a raiva “nos vermelhidões” do rosto e na “voz fora de foco” (p.16). Atemorizado, assim, com a reação que poderia causar a revelação, o médico vai desfilando alguns conceitos para o termo: “*Famigerado* é inóxico, é ‘celebre’, ‘notório’, ‘notável’.” (p. 16). Para essas definições, Damázio assume continuar sem compreender e pergunta se “[...] é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?” (p. 16). Ao que o médico responde: “Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...” (p. 16). Damázio, ao continuar o diálogo com o doutor, demonstra compreender as artimanhas das palavras e que elas se prestam diferentemente de acordo com a classe social e os interesses e, desse modo, solicita ao médico que diga em “fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana” (p. 16). O médico, por fim, esclarece que o significado da palavra era de pessoa importante, que merece louvor, respeito. Obviamente não revelou que famigerado, embora tenha o significado de famoso, assume certo tom pejorativo, tendo em vista uma má fama. Afiançou, ainda, que desejaria ser famigerado, o mais que pudesse. Era a tentativa de acalmar seu interlocutor em relação ao significado da palavra. Entretanto ocorre também uma ironia que não atinge o personagem

jagunço, uma vez que ignorava o real significado do termo, ela se faz para nós leitores que compreendemos, com algum humor, que o desejo do médico pela fama era, talvez, com o intuito de que se assim fosse não estivesse tão amedrontado. Depois dessa fala, Damázio ficou apaziguado, desceu da cela, sorriu, despachou os capangas, aceitou o copo d'água e sentenciou: “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” (p. 16 e 17). Assim rendia-se ao médico, desarmava-se e amenizava a raiva em relação ao funcionário do governo, atestando que o melhor para ele era ir se embora, não havia mais inquietação, o inimigo que se fosse, não haveria guerra.

No diálogo estabelecido entre o jagunço enraivecido e o médico amedrontado, podemos ver as armas de que se valem os homens. Damázio compreendia o sistema de subjugação, de poder estabelecido com as questões políticas e que sem dúvida ela envolvia o domínio das palavras. No entanto, sabia-se desarmado desse arsenal, suas armas eram outras, a força bruta que acreditava poder vencer qualquer força argumentativa. Porém o médico, munido de saber retórico e refém dos instintos de conservação de sua vida, consciente de que não poderia dar mostras de temeroso e que devia medir as palavras, pois não tinha arma de fogo e mesmo que tivesse, não teria chances no manejo, “Com um pingão no i, ele me dissolvia.” (p. 14), usa as armas da língua. Essa figura, “um pingão no i”, representa imagetivamente, se assim podemos dizer, a arma de fogo, com a qual não saberia lutar, por isso, usou as armas de que dispunha e com as quais sabia manejar. De palavra em palavra, foi amansando, vencendo a raiva do jagunço. Primeiramente trazendo um vocabulário que o jagunço não conhecia, não conseguia atinar para o sentido dele, demonstrando assim sua sabedoria, sua superioridade. A superioridade aceita pela sociedade, de modo geral, de que quem domina as palavras, a linguagem de maneira competente, é mais inteligente, merecedor de reverência: “Olhe: eu, como o **senhor me vê, com vantagens**, [...]” (p. 16 - grifo nosso).

Essa concepção, como já mencionado nos argumentos de Bakhtin, é herança de uma tradição que estabeleceu na consciência histórica dos povos — sobretudo os povos colonizados — a palavra estrangeira como “representação” da verdade, da santidade, da força e do poder, uma vez que o povo que dominava detinha poder econômico e tecnológico que, por sua vez, estabelecia o prestígio social da língua que falavam. A importância de uma língua está intimamente ligada à importância de seus falantes. E aqui pode se perceber, também, através do embate entre o jagunço ignorante e o médico sábio, o embate maior entre a jagunçagem e o governo. A luta do governo em civilizar o sertão. Nessa luta, Damázio demonstra não querer questão com o governo por se considerar já envelhecido e sem tanta saúde, mas não poderia admitir nenhuma ofensa. E a palavra, para ele, é de grande valia. Uma palavra bastava para instaurar uma guerra e por ela anda várias léguas sem descanso a fim de compreendê-la, pois sabe que ela é a arma com

a qual não consegue lutar, mas não admite ser por ela ofendido, subjugado. Tanto que afirma não se dar com padres, pois eles “logo engambelam”. Damázio demonstra saber que sacerdotes usam bem a linguagem, dispõem de armas sofisticadas para argumentar e vencer. E assim segue o jagunço criando suas leis não escrituradas, a lei da força, nascida da aridez de um sertão que não foi regado.

Importante considerar nessa fala também o termo *sr.*, abreviatura do pronome de tratamento, grafado com letra minúscula, desobedecendo a norma dessa abreviação. Isso pode ser lido como uma desautorização do interlocutor. Interpretação que só pode ser feita por nós leitores, estabelecendo assim outro diálogo entre narrador/escritor e leitor. Acerca desse diálogo, numa análise do conto, Brait (2010) afirma que:

A dupla face do evento, oral e escrito, permitida pela natureza da ficção, pode ser observada no manejo do léxico, centro do conflito, mas também em várias outras instâncias, caso dos sinais gráficos, das interjeições, do imaginário em torno da língua, do saber linguístico, dos universos que impulsionam o diálogo. (2010, p. 47).

O médico foi capaz de vencer a ira, a desconfiança, a cisma do jagunço que não podia sequer suspeitar de uma ofensa. A ofensa em questão pode ser compreendida como o xingamento do nome da mãe, o que no sertão é ofensa imperdoável. Essa associação foi feita pela professora Márcia Marques de Moraes (2008), que considera estar presente o nome da mãe nos vocábulos proferidos pelo jagunço. Damázio desconfia que aquele palavrão reporta-se a ofensa relativa à mãe, uma vez que “faz me gerado” e “familhas-gerado” podem sugerir nascimento obscuro, podendo ser então Damázio ser chamado de “filho da puta”, o que fere mortamente a honra do jagunço. Sendo informado pelo médico de que o significado era outro, pede garantia: “Vosmecê agarante, para a paz das mães, mão na escritura?” (p.16) O termo mãe é citado, o que corrobora a leitura dessa suspeita de Damázio a respeito da injúria.

Nessa fala de Damázio, outra expressão é digna de nota: “mão na escritura”. Aqui podemos inferir que se trata da escritura sagrada e, assim, presenciar o caráter ideológico da palavra atrelado à religiosidade, corroborando a assertiva de Bakhtin quando afirma serem os sacerdotes os primeiros linguistas a se colocarem como os mestres que tinham o poder de decifrar, revelar verdades. A escritura sagrada detém a verdade. A atitude aceita e praticada nos tribunais de toda cultura ocidental de jurar a verdade colocando a mão sobre a bíblia não deixa dúvida desse caráter ideológico que foi construído tomando a palavra religiosa como veículo da verdade, da santidade, do poder, como já mencionado.

No conto de Rosa, evidenciam-se assim dois aspectos significativos abordados por Bakhtin em sua teoria acerca do caráter ideológico da linguagem. Primeiro, a língua pode estar — e quase sempre está — a serviço dos interesses de dominação e subjugação. Isso fica claro na maneira como o médico usa dos conhecimentos linguísticos de que dispunha para, ao mesmo tempo, fazer com que ficasse clara sua autoridade no que diz respeito ao saber e iludir jeitosamente seu interlocutor. No final sai vencedor, pois o jagunço expressa sua admiração: “Não há como que as grandezas machas numa pessoa instruída” (p. 16 e 17).

O segundo aspecto evidencia o caráter ideológico inerente ao signo. A palavra carrega em si os valores ideológicos construídos socialmente e o sentido da palavra não se dá isoladamente através dos significados constantes do dicionário, ainda que o significado aí também esteja carregado de ideologia. O sentido se constrói além dessa instância, incorpora-a, é verdade, mas não pode ser reduzido a ela. No capítulo *Tema e significação na língua*, de *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin distingue o significado do tema que comporta o sentido único, irrepetível e está, portanto, atrelado aos modos de produção do enunciado. Sendo assim, o sentido envolve não só os aspectos formais da língua, mas todos os valores axiológicos que são incorporados à palavra a partir das relações sociais. Damázio não conhecia a palavra que a ele foi atribuída, mas sabia que ela não era inócua, por certo carregava algum valor e, partindo do significado de outras palavras que conhecia, foi fazendo associações e estabelecendo um sentido que apontava para um xingamento. Foi, no entanto, prudente em relação ao sentido que estabeleceu, considerando sua ignorância. Quis checar a informação, ter certeza, demonstrando possuir também respeito pela palavra. A atitude de Damázio reflete o conhecimento de quem sabe ou desconfia de que a palavra faz o mundo — o princípio era o verbo — é preciso, pois, ter cautela com ela, uma vez que pode criar o mundo, mas pode também destruí-lo, provocar guerras: “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca” (p.17).

Considerações finais

A partir da visão de Bakhtin e do conto de Rosa, vemos que a palavra incorpora um significado reiterável (também construção ideológica), que pode se repetir ao infinito na língua, no entanto o sentido envolve uma complexidade maior; ele está irrevogavelmente atrelado aos modos de produção que agregam situações sociais, históricas, ideológicas, prenhe de

valores e crenças. Desse modo, na concepção bakhtiniana, analisar a linguagem abstraindo essas condições, significa promover uma análise que permanece na superfície, não adentra na essência da linguagem, ou seja, não considera a interação discursiva que promove o sentido e localiza-se o sujeito.

NOTAS

¹ A obra *Marxismo e filosofia da linguagem* contem duas autorias: Bakhtin e Volochinov, mas no decorrer do trabalho mencionaremos apenas o de Bakhtin.

² A partir daqui nas demais citações do conto constará apenas o número da página.

Referências

BAKHTIN, M (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

MORAIS, Márcia Marques de. Do famigerado nome-da-mãe ao legítimo nome-do-pai: incursões etimológicas e psicanálticas pelo texto rosiano. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v.1, n.24, p.337-350, jan. 2008. Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/35/19> - Acesso em março de 2012.

ROSA, João Guimarães. Famigerado. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 42ª Ed, 1988.

Para citar este artigo

LIMA, S. M. M. Língua e poder: uma reflexão a partir da teoria bakhtiniana e o conto *Famigerado*, de Rosa. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 33-43.

O autor

Sandra Mara Moraes Lima é especialista em Estudos Linguísticos, pela Universidade Cidade de São Paulo (2001), Mestre em Estudos Literários, pela UFES (2005) e, atualmente, estuda e pesquisa como Doutoranda em Linguística Aplicada, junto à PUC/SP.